

# AS IMAGENS DA NAÇÃO BRASILEIRA SOB O OLHAR EXOTÓPICO DOS ESTADOS UNIDOS

ÉRICA ABREU AZEVEDO

JOÃO BATISTA COSTA GONÇALVES

**RESUMO:** Este artigo analisa o pronunciamento do presidente dos EUA, Barak Obama, no Brasil, em 2011, a partir da categoria exotopia, para entender como são formadas imagens da nação brasileira. Argumenta-se que a cultura estadunidense significa a cultura brasileira a partir da visão do colonizador, que constrói imagens de uma nação colonizada, elevando a nação brasileira à potência global, destoando-a das demais nações latinas. O trabalho propõe uma aproximação entre os conceitos exotopia (BAKHTIN, 2011) e nação (ANDERSON, 2008).



**PALAVRAS-CHAVE:** Bakhtin. Anderson. Imagem. Exotopia. Nação.

## IMAGES OF BRAZILIAN NATION FROM THE US'S EXTRALOCAL POINT OF VIEW

**ÉRICA ABREU AZEVEDO**

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará, Licenciada em Letras Português, pela Universidade Estadual do Ceará e Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará.

**JOÃO BATISTA COSTA GONÇALVES**

Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Posla) da Universidade Estadual do Ceará (Uece), Fortaleza, Ceará, Brasil.

**ABSTRACT:** This article analyzes the speech of U.S. President, Barak Obama, in Brazil, in 2011, from extralocality category to understand how images of Brazilian nation are formed. It argues that American culture means to the Brazilian culture from the perspective of the colonizer, which builds images of a colonized nation, elevating the Brazilian nation to global powerhouse, diverging it from other Latin nations. The paper proposes an approximation between the concepts of extralocality (BAKHTIN, 2011) and nation (ANDERSON, 2008).

**KEY-WORDS:** Bakhtin. Anderson. Image. Extralocality. Nation.

## 1 INTRODUÇÃO

A visita do presidente dos Estados Unidos (EUA), Barack Obama, ao Brasil, em 2011, fez parte de uma agenda de encontros com os presidentes latino-americanos Sebastián Piñera, no Chile, Mauricio Funes, em El Salvador, e com a presidente brasileira Dilma Rousseff. A primeira visita ao nosso país propunha, especificamente, estreitar relações econômicas e políticas com o Brasil para ampliar o comércio e os investimentos, de modo a enfrentar o avanço econômico chinês.

No mercado financeiro mundial, a China ocupa hoje o segundo lugar, atrás dos EUA, e representa um dos maiores parceiros comerciais do Brasil. Nos últimos anos, a redução das exportações chinesas para os países desenvolvidos em crise – os países da União Europeia e os EUA – impulsionou as exportações para América Latina, Ásia e, principalmente, África. Foi em resposta a esse cenário econômico desfavorável que Obama visitou a América Latina, no intuito de estreitar alianças.

O local escolhido, primeiramente, para o pronunciamento de Obama no Brasil foi a Praça da Cinelândia, no Centro do Rio. No entanto, o local foi modificado de última hora para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde o presidente discursou para uma plateia de, aproximadamente, 2400 pessoas, dentre artistas, políticos, empresários e jornalistas.

A embaixada americana no Brasil justificou a mudança do local do pronunciamento, à época, como “devido a uma série de preocupações sobre a realização do evento ao ar livre”,<sup>1</sup> conforme nota divulgada pela imprensa brasileira. No entanto, acredita-se que a mudança tenha sido motivada pela possibilidade de protestos contra a decisão da Organização das Nações Unidas (ONU) de aprovar sanções militares à Líbia.

Em seu pronunciamento para os brasileiros, Obama procurou fortalecer a aliança, especialmente, econômica entre as duas nações. Com esse intuito, exaltou a relação com o Brasil,

---

1 Cf. <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,discurso-de-obama-na-cinelandia-e-cancelado,693853,0.htm>>. Acesso em: 04 mar. 2012.

enaltecendo ideais democráticos e semelhanças históricas, de modo a destacar a importância do Brasil no cenário econômico mundial.

A partir dessa percepção do pronunciamento de Barack Obama, procuramos analisar, neste trabalho, como são construídas imagens discursivas da nação brasileira. Desse modo, a pesquisa possui natureza teórica e caráter exploratório, com abordagem qualitativa.

Como embasamento teórico, apoiamo-nos na concepção social da natureza da linguagem, de M. Bakhtin, na qual é defendido que a fala está vinculada às estruturas sociais, relacionando-se às condições da comunicação humana, sendo responsável pelas transformações linguísticas. No âmbito dessa abordagem, expomos, primeiramente, a categoria de análise bakhtiniana exotopia, que constitui o excedente de visão do autor em relação à personagem ou ao observador e aquilo a que se observa, considerando os principais pontos de confluência entre as características da categoria na teoria bakhtiniana e o objetivo geral desta pesquisa.

Num segundo momento, debatemos em torno de três aspectos relativos à exotopia – estética, ética e cognição – para, em seguida, ampliar a discussão sobre outro importante aspecto, o cultural, dialogando o conceito de exotopia ao de nação, pois a relação correspondente à enunciação aqui analisada se dá entre nações. Com esse fim, nos embasamos em Bakhtin (2011), e na releitura do conceito de exotopia presente em Ponzio (2012) e Tezza (2005).

Para relacionar o conceito de exotopia ao de nação, fundamentamo-nos em Anderson (2008), que, em seu estudo da nação como comunidade imaginada, afirma que a condição de nação (nation-ness) possui o maior grau de legitimidade universal na vida política moderna – baseando-se na necessidade de tornar antigo o novo, de transmutar o presente em passado. Por fim, aplicamos os conceitos discutidos na análise aqui pretendida, apresentando a formação das imagens de maior relevância, em virtude do escopo deste artigo.

## 2 O OLHAR PARA O OUTRO: A EXOTOPIA

Entrar em contato com a categoria exotopia na leitura da obra de Bakhtin é estar à frente de uma vasta fundamentação teórica sobre a obra literária, precisamente no que diz respeito à interação entre autor e personagem expressa na criação estética verbal. Em sua teoria, Bakhtin avalia, proficuamente, diferentes aspectos que ultrapassam a simples caracterização das personagens em um romance e apontam para uma visão de mundo, para uma filosofia, uma ética. Por esse aspecto, entendemos que a influência mútua entre autor-personagem, pré-condição da exotopia, pode se estender a outras esferas discursivas, como a esfera política abordada nesta pesquisa.

Percebemos que as imagens do Brasil formadas no pronunciamento do presidente dos EUA, Barack Obama, são produzidas a partir da ligação estabelecida no enunciado entre os dois países, pela forma como os EUA – na figura de seu presidente – falam sobre o outro, o Brasil. Assim, é importante entender como Bakhtin pensa a exotopia e como tal entendimento pode guiar esta investigação.

Bakhtin (2011) descreve a categoria exotopia sob o ponto de vista da análise do enunciado literário com base em obras de Dostoiévski. Na introdução da edição francesa da obra *Estética da Criação Verbal*, Todorov (2011) esclarece que os estudos de Bakhtin incidiam não apenas sobre a teoria do romance, a estética do romance, mas, também, sobre a temática da relação entre o autor e suas criaturas, ou seja, entre autor e herói, ou para melhor compreensão dos objetivos desta pesquisa, autor e personagem.<sup>2</sup> Em linhas gerais, Todorov sintetiza que:

[...] uma vida **encontra um sentido, e com isso se torna um ingrediente possível da construção estética, somente se é vista do exterior, como um todo**; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa; e, para a personagem, essa alguma outra pessoa é, claro, o autor: é o que Bakhtin chama '**exotopia**' deste último (TODOROV, 2011, p. XIX, grifo nosso).

---

2 Preferimos utilizar o termo personagem a herói, por acreditar haver uma maior relação entre personagem e imagem do que herói e imagem.

Dessa forma, do mesmo modo que o autor da obra literária define e molda suas personagens exotopicamente, a exotopia de Obama define e molda imagens do Brasil. Assim, a relação estabelecida por Bakhtin entre autor-personagem é relida para esta pesquisa como uma relação entre autor (Barak Obama) e imagens do Brasil, ou simplesmente, autor-imagem.

Bakhtin (2011) afirma que há, na relação autor-personagem, a interseção de duas consciências. A consciência da personagem é envolta e dotada de sentido pela consciência do autor, que lhe dá acabamento, ou seja, lhe dá significado, incorpora-lhe sentido.

É assim que o autor confere o acabamento à obra literária, porque é dono do excedente de visão estética que escapa à personagem, definida pela relação mantida com seu autor-criador, conforme expõe Tezza:

Para Bakhtin, o autor-criador é a consciência de uma consciência, uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói e do seu mundo; o autor-criador sabe mais do que o seu herói. Temos aí um excedente de saber e um primeiro pressuposto da visão de mundo bakhtiniana, um princípio básico: a *exotopia*, que podemos simplificar definindo-a como o fato de que só um outro nos pode dar acabamento assim como só nós podemos dar acabamento um ao outro. Cada um de nós, daqui onde está, tem sempre apenas um horizonte; estamos na fronteira do mundo em que vivemos – e só o outro pode nos dar um ambiente, completar o que desgraçadamente falta ao nosso próprio olhar (TEZZA, 2005, p. 210, grifo do autor).

Da descrição bakhtiniana do contato entre consciências, interessa-nos a ideia da não coincidência de horizontes, na medida em que o horizonte do ser contemplado se distingue do horizonte do ser contemplador. Bakhtin (2011) afirma que o ser contemplador – no caso em questão, Obama – ocupa lugar privilegiado, único e concreto fora do ser contemplado – por conseguinte, o Brasil. Independentemente da distância entre essas duas consciências, de parâmetro nacional, uma sempre dará conta de um todo que a outra jamais poderá acessar. Tal englobamento de outrem é descrito pelo teórico russo por meio de uma imagem corporal:

[...] em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei

algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e, sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Na exotopia, a distância/distanciamento – a extralocalidade –<sup>3</sup> garante a plausibilidade do acabamento do ser contemplado. Por isso, Bakhtin (2011) conclui que a diminuição da diferença de horizontes possibilita a fusão dos seres contemplantes, ou seja, a anulação do acontecimento estético, e também da relação eu *versus* outro, a qual representa a condição *sine qua non* para haver exotopia.

Ponzio (2012) esclarece que, em *O autor e o herói*, o pensamento bakhtiniano equipara a relação autor-personagem com a relação forma e conteúdo da obra literária. Segundo ele, os valores extra-artísticos pertencentes à determinada situação social encontram expressão estética na obra literária por meio da personagem e do autor. Dessa forma, a obra literária é a palavra do autor, a qual, além de ser a forma material da obra literária, é ainda a forma do conteúdo, de um material signico-ideológico. Assim é que os valores do mundo adentram a esfera da obra literária tomada como objeto estético. “A forma artística, ou seja, a palavra do autor se deve expressar uma real alteridade para que o personagem pareça convincente, para que o conteúdo pareça real e se dê uma coerência de valores” (PONZIO, 2012, p. 191).

Pensando na relação aqui interpretada, autor-imagem, entendemos que a forma e o conteúdo são acepções que extrapolam o âmbito literário. O discurso político, em termos práticos, também estampa situações sociais, o que faz com que a enunciação de

---

3 Distanciamento, distância, são termos relacionados à exotopia, na tradução do termo *vnienakhodímost* por Paulo Bezerra na obra *Estética da Criação Verbal*. Já o termo extralocalidade tem ligação à forma comumente conhecida da denominação da categoria exotopia traduzido do francês.

Obama componha sim um material sógnico-ideológico, aliás, como todo enunciado, de acordo com o pensamento bakhtiniano. Por essa razão, acreditamos poder haver também acontecimento estético na esfera do discurso político.

Além disso, outras duas razões embasam nosso entendimento. A primeira delas diz respeito à alteridade evidenciada pela relação entre as duas nações, EUA e Brasil. A segunda equivale à visão exterior ocasionada pela distância do observador e daquilo que se observa, que é o que dá sentido à vida, englobada por outrem. Por conseguinte, as imagens do Brasil contempladas nesta análise advêm do olhar de Obama e somente ganham sentido em virtude do seu excedente de visão.

Bakhtin postula o conceito de exotopia atrelado a três aspectos não excludentes – estético, ético, cognitivo. No item que se segue nos prestamos a apresentar tais aspectos, que norteiam a análise nesta pesquisa.

## **2.1 ÉTICA, ESTÉTICA E COGNIÇÃO**

Bakhtin (2011) assegura que o ato da personagem no romance é orientado tanto pelo acontecimento aberto da vida quanto pelo mundo dado do conhecimento. Ele quer dizer com isso que a personagem vive de modo ético e cognitivo, guiada pelo mundo formatado da existência do autor. O mundo assim desenhado pelo autor é de orientação ético-cognitiva axiológica. O autor afirma que o ser não pode viver ou agir do próprio acabamento nem pode ser definido pelo acabamento do acontecimento. Ser inacabado, aberto, é a condição do viver. Também o é não coincidir consigo mesmo e contrapor-se axiologicamente (BAKHTIN, 2011, p. 11). Nesse sentido, a exotopia é o acabamento, provindo do olhar alheio, que constitui o ser, a personagem em sua totalidade.

Segundo o teórico russo, na atitude do autor em relação às manifestações isoladas de suas personagens, prevalece uma única resposta referente ao todo que elas representam como elemento da obra de arte. Ele acrescenta que essa atitude do romancista é estética na medida em que, possuindo caráter fecundo e

de princípio, responde ao todo da personagem e faz com que a produção literária seja percebida como obra de arte.

Bakhtin (2011, p. 22) atesta que a contemplação, fruto do excedente de visão interna e externa do outro, é ativa e produtiva e é, precisamente, um ato estético. Para conferir o acabamento do outro, contido em germe no excedente de visão do eu, é necessário que haja o desabrochar proporcionado pela contemplação do horizonte alheio, preservando-se a originalidade. Em outras palavras, deve haver uma relação empática do autor com seu outro – a personagem – uma identificação do autor com o mundo, os valores da personagem, para que o mundo seja visto tal qual é visto por ela. A identificação entre autor e personagem é melhor compreendida nesta passagem em que Bakhtin descreve a relação eu-outro:

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2011, p. 22, grifo nosso).

A atividade do excedente de visão do autor é exemplificada, em Bakhtin (2011) por meio da imagem de um ser que sente dor. O autor afirma que, nessa situação, o horizonte da consciência observada envolve-se com o que lhe causa dor e com o que está ao alcance do seu olhar. O olhar empático, o vivenciamento do mundo impregnado da dor alheia para dar-lhe acabamento, consiste no primeiro momento do ato estético – a compenetração. Nela, o observador deve identificar-se com o outro, colocar-se em seu lugar, experimentar o que é experimentado pelo outro, assumindo-lhe, dessa forma, o horizonte concreto.

Bakhtin (2011) expõe que a identificação com a dor do outro, a vivência da dor do outro, suscita não o grito de dor, mas o ato



de resistência, a palavra de reconforto, relacionando-se o que se viveu ao outro. Assim o autor ressalta que, na exotopia, na visão empática do outro, há condição necessária para a identificação de consciências, que gera o conhecimento produtivo ético e estético. Isso porque, ao retornar a si mesmo, o contemplador inicia, de fato, a sua atividade estética. Fora do lugar ocupado por aquele que sofre, ao dar-se forma ao material recolhido, gerado por essa identificação, o mundo é dotado de nova função, de novo acabamento.

É assim que, na contemplação à personagem, completa-se o horizonte do outro com todo o tipo de informação colhida no lugar que se ocupa, fora dele. Para tanto, emoldura-se o ser contemplado, criando-lhe ambiente propício ao seu acabamento, por meio de elementos transgredientes às personagens, ou seja, que vão além, que ultrapassam as personagens em si mesmas.

Por meio de seu olhar transgrediente, o autor dá conta de tudo o que cada personagem conhece e, ainda, do conhecimento de todas elas juntas. Ademais, o autor conhece além do que distingue suas personagens. Por isso seu excedente de visão, estável, apurado, formata o todo das personagens e o todo da obra, pois os elementos transgredientes, na contemplação estético-empática, possuem a função de acabamento (BAKHTIN, 2011, p. 25).

Na esfera discursiva política, intuímos que os elementos transgredientes que Obama – como representante dos EUA — capta da expressividade da nação brasileira, para dar acabamento volitivo-emocional às imagens do Brasil, fazem parte do universo contextual do discurso neoliberal e da globalização. É assim que o olhar empático do presidente dá conta de aspectos sócio-históricos e políticos percebidos na identificação da nação estadunidense com os valores da nação brasileira.

O discurso neoliberal estadunidense, para Pierre Bourdieu (1998), está inserido dentro de um projeto de envolvimento sistemático de grande influência na dinâmica política e cultural de outras nações. A doutrinação simbólica manifestada por esse discurso tende a legitimar o pensamento conservador, como a redução do Estado e o estímulo ao interesse privado.

O sociólogo esclarece que, na doutrina neoliberal, o Estado é reduzido, realidade, para ele, “ambígua”, já que não se pode pensar simplesmente que o Estado está a serviço dos dominantes ou é neutro. A sua força, conforme o autor, é medida pelo seu tempo de existência, pelo registro das conquistas em sua composição. No movimento contrário a essas conquistas, ou seja, contra as conquistas do *welfare state* (Estado-Providência), Bourdieu assinala que a globalização é a principal arma, funcionando como “um mito no sentido forte do termo, um discurso poderoso, uma ideia-força, uma ideia que tem força social, que realiza a crença” (p. 48).

Em seus estudos sobre a intervenção dos EUA na América Latina, Petras e Veltmeyer (2000) mostram que o “mercado livre” nasceu de forma imposta, na América Latina, em resposta à exitosa reforma social, sob violenta intervenção política:

Washington, agindo de comum acordo com os militares latino-americanos, derrubou governos eleitos democraticamente no Chile, na Argentina, no **Brasil** e no Uruguai. Os ditadores recém-instalados, apoiados pelas instituições financeiras internacionais, passaram a dismantelar as barreiras sociais e protecionistas e a **desnacionalizar** os setores industriais e bancários, privatizando ativos públicos. Políticas de mercado livre foram implementadas e impostas por regimes draconianos que mataram milhares de pessoas, encarceraram e torturaram dezenas de milhares e forçaram milhões a exilar-se. Os vínculos políticos entre bancos, corporações multinacionais, capitalistas transnacionais latino-americanos e o Estado foram fortalecidos, e as aspirações hegemônicas dos EUA viraram realidade (PETRAS; VELTMEYER, 2000, p. 28, grifos nossos).

Dessa forma, os autores desmistificam a ideia de que o “novo modelo econômico” decorre de um mercado racional e eficiente para atestar que a nova configuração neoliberal oculta o verdadeiro caráter central da política neoliberal, marcado pela violência e interferência do Estado imperial. Para Petras/Veltmeyer, o crescente investimento imperial advindo da compra de papéis de empresas privadas, da reivindicação do controle de bancos da AL e da invasão nos mercados, resulta da luta de classes, em âmbito nacional, da qual saem vitoriosas as forças imperiais, além de seus aliados locais. O resultado é a arquitetura de uma nova ordem

econômica e sociopolítica que atenda aos interesses das forças imperiais.

No cenário da nova ordem imperial, a sua legitimidade é garantida pelas ideologias do novo discurso, o da globalização (PETRAS; VELTMEYER, 2000). Tal discurso se vale de argumentos e projeções relacionados ao desenvolvimento do capitalismo, os quais, na ótica dos autores, são passíveis de análise crítica. O primeiro argumento evidencia uma crise do modelo econômico anterior, o sistema “estadista-capitalista”, com vistas à implantação de novo modelo acumulativo, voltado menos para dentro, vinculado ao mercado mundial e ao setor privado (PETRAS; VELTMEYER, 2000, p. 29).

Com esse e outros argumentos em favor da legitimidade da ordem imperial, a retórica da globalização mascara o projeto de recolonização, que não somente instaura um ciclo de acumulação capitalista na AL, mas cria oportunidades para expansão das forças do imperialismo no resto do globo. Por isso é que “a América Latina tem sido preparada não só para ser despojada de seus recursos, mas para ser o cenário para uma batalha iminente pelo mercado mundial entre os principais centros de poder capitalista e as aspirações e pretensões hegemônicas do capital norte-americano”, (PETRAS; VELTMEYER, 2000, p. 29).

Assim encerramos este subitem e passamos a discorrer sobre outro aspecto de relevância para este estudo, o aspecto cultural da exotopia, já que a relação autor-personagem é aqui traduzida como uma relação entre nações – EUA e Brasil. Para tanto, comentamos sobre tal aspecto no item que se segue, associando-o a outros dois temas caros a este trabalho, nação e cultura.

## **2. 2 EXOTOPIA, CULTURA, NAÇÃO**

No ensaio *Os estudos literários hoje*, Bakhtin (2011) afirma que a cultura de uma época não pode enclausurar-se em si mesma como algo pronto e acabado porque ela é uma unidade aberta. Bakhtin frisa que cada cultura pretérita possui vastas possibilidades semânticas não reveladas e não utilizadas por toda uma vida histórica. A Antiguidade não se conhecia como a conhecemos hoje

nem os gregos sabiam que são os gregos antigos do nosso tempo presente. A percepção da antiguidade somente ganhou sentido no tempo distante, quando o observador, em sua exotopia espacial e cultural, compreendeu de forma criativa aquilo que pretendia entender (BAKHTIN, 2011, p. 366).

Assim é que, para Bakhtin, uma cultura só é significada, acabada, quando observada exotopicamente por outra ou outras. Cada cultura observa e observará uma alheia com olhar diferente. O filósofo elucida que tal diálogo não provoca a fusão de culturas. Longe de comprometer a unidade própria de cada uma, o diálogo as enriquece mutuamente:

Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades do sentido. Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas) (BAKHTIN, 2011, p. 366, grifo do autor).

Semelhante percepção da tradição histórica e da antiguidade é encontrada em Anderson (2008), quando este afirma que os discursos da nacionalidade surgem pautados por uma noção de simultaneidade que inaugura novos modos de apreender o mundo. Neles, segundo o autor, divisões cronológicas claras são substituídas por um passado mítico, em que se evidenciam os momentos de fundação das nações. A condição de nação (*nation-ness*), de acordo com esse pensamento, possui o maior grau de legitimidade universal na vida política moderna, fundamentando-se na necessidade de tornar antigo o novo, de transmutar o presente em um passado historicamente vivido de forma coletiva e selecionado conscientemente.

Anderson explica que a seleção histórica de um passado vivido coletivamente é construída a partir da circulação de criações imaginárias, como os jornais e romances na Europa do século XVIII, que foram responsáveis, a seu ver, pela representação do tipo de comunidade imaginada correspondente a uma nação. Da

mesma forma, a língua opera a manutenção da suposta antiguidade essencial, respondendo pela imaginação de uma comunidade, pois promove a unificação pela leitura, principalmente quando se torna oficial.

O autor ainda afirma que, nos estados coloniais, três instituições ajudaram a moldar as imaginações – os censos, os mapas e os museus. Elas foram responsáveis por conformar a maneira como o Estado percebia seu domínio, a natureza da população e a geografia do território, ou seja, a legitimidade do passado recente.

Para Anderson, a nação surgiu em virtude do desaparecimento dos sistemas divinos, religiosos e dos reinos dinásticos, em decorrência do Iluminismo e da Revolução Francesa, embutida do sentimento de continuidade e, ao mesmo tempo, de contingência, como resultado de criações imaginativas da história recente:

O século do Iluminismo, do secularismo racionalista, trouxe consigo suas próprias trevas modernas. A fé religiosa declinou, mas o sofrimento que ela ajudava a apaziguar não desapareceu. A desintegração do paraíso: nada torna a fatalidade arbitrária. O absurdo da salvação: nada torna mais necessário um outro estilo de continuidade. Então foi preciso que houvesse uma transformação secular da fatalidade em continuidade, da contingência em significado. [...] poucas coisas se mostraram (se mostram) mais adequadas a essa finalidade do que a ideia de nação. Admite-se normalmente que os estados nacionais são ‘novos’ e ‘históricos’, ao passo que as nações a que eles são expressão política sempre assomam de um passado imemorial, e ainda mais importante, seguem rumo a futuro ilimitado. É a magia do nacionalismo que converte o acaso em destino (ANDERSON, 2008, p. 38-39).

Anderson procura fundamentar como a legitimidade nacional se tornou um sentimento tão profundo, a ponto de mover milhões de pessoas a morrer – muito mais que a matar – em nome da nação. Para tanto, ele reconhece o sentimento de nacionalidade como de irmandade, porque partilhado por milhões de desconhecidos. Também interpreta a nacionalidade como um sentimento da ordem da alma, pois é assentido culturalmente por cada nativo de um país que se vê igual a outros nativos – independentemente das desigualdades que possam existir – e se imagina viver numa comunidade de semelhantes, legitimada nacionalmente.

É possível ver no sentimento de nacionalidade descrito por Anderson (2008) uma correlação com a exotopia, na medida em que o olhar empático do nativo de um país para o seu conterrâneo gera uma identificação de valores, advinda do excedente de visão do observador, do seu conhecimento de mundo, da sua vontade, do seu sentimento.

Desse modo, encerramos a discussão deste item sobre os aspectos relevantes da exotopia e da nação e passo a analisar quais imagens foram encontradas no pronunciamento do presidente Barack Obama, no item a seguir.

### **3 A CONSTRUÇÃO EXOTÓPICA DAS IMAGENS DA NAÇÃO BRASILEIRA PELO OLHAR NORTE-AMERICANO A PARTIR DO PRONUNCIAMENTO DE BARACK OBAMA**

Nas cenas criadas exotopicamente por Obama em sua enunciação política, percebemos a formação de imagens da nação brasileira ao longo de todo o pronunciamento. Como as imagens não estão isoladas em seu pronunciamento, mas relacionadas entre si, apresentamos alguns trechos do pronunciamento que melhor representam a formatação dessas imagens, acompanhando a evolução de sua fala, obedecendo ao escopo aqui permitido.

Observando este país de um ponto de vista cultural, na abertura de sua apresentação, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Obama saudou a plateia em língua portuguesa: “Alo! Cidade Maravilhosa! Boa tarde, todo o povo brasileiro”, arrancando aplausos e iniciando sua fala em língua materna:

*Since the moment we arrived, the people of this nation have graciously shown my family the warmth and generosity of the Brazilian spirit. Obrigado. Thank you. (Applause.) And I want to give a special thanks to all of you for being here, because I've been told that there's a Vasco football game coming. (Cheers and boos.) Botafogo (laughter.) So I know that - I realize Brazilians don't give up their soccer very easily (laughter) (OBAMA, 2011).<sup>4</sup>*

---

4 “Desde o momento em que chegamos, o povo desta nação tem gentilmente mostrado à minha família o calor e a **generosidade** do **espírito brasileiro**. ‘Obrigado’. Obrigado (Aplausos). Quero agradecer a todos por estarem aqui, pois me disseram que haverá um jogo do ‘**Vasco**’ (comoção na plateia), ‘**Botafogo**’

Nesse primeiro trecho, a “nação” citada é a nação brasileira, o que revela o movimento de seu olhar para o Brasil. A exotopia estabelecida por esse movimento dá conta do “espírito brasileiro”, representado pelos signos “calor”, “generosidade” que demonstram o que o presidente vivenciou com sua família logo de sua chegada ao nosso país. Também dá conta da importância do futebol para os brasileiros. Ao dizer que percebe que o brasileiro não abre mão de seu futebol tão facilmente, o presidente significa a nação brasileira como uma comunidade culturalmente ligada ao esporte. Os signos “Vasco”, “Botafogo” citados na enunciação assumem a função de elementos da cena enunciativa criada por Obama que compõem a imagem já bastante conceituada dentro e fora do Brasil como país do futebol, sendo a única nação pentacampeã mundial e que irá sediar pela segunda vez a Copa do Mundo, neste ano de 2014, e pela primeira vez os jogos olímpicos em 2016.

A reação da plateia a essas palavras demarca que os brasileiros também “imaginam” (ANDERSON, 2008) o Brasil como um país caloroso, como “o país do futebol”. Esse reconhecimento transmite uma sensação de proximidade entre as duas nações, EUA e Brasil, como resultado da relação de proximidade que é construída desde o início da enunciação de Obama e acompanha todo o pronunciamento, como foi percebido ao longo dessa análise.

No trecho seguinte de sua enunciação, Obama fala da primeira impressão que teve do Brasil, a partir do filme “Orfeu Negro”:

*Now, one of my earliest impressions of Brazil was a movie I saw with my mother as a very young child, a movie called Black Orpheus, that is set in the favelas of Rio during Carnival. And my mother loved that movie, with its singing and dancing against the backdrop of the beautiful green hills. And it first premiered as a play right here in Teatro Municipal. That's my understanding* (OBAMA, 2011).<sup>5</sup>

---

(risadas). Então eu sei que – **eu percebo que os brasileiros não abrem mão de seu futebol tão facilmente** (risadas)” (A tradução do pronunciamento de Barack Obama foi realizada pela mestra em Linguística Aplicada Elisiany Leite Lopes de Sousa para fins deste trabalho. Grifo dos autores)

5 “**Uma das primeiras impressões que tive do Brasil** foi de um filme que vi com minha mãe quando eu era muito pequeno, o filme se chamava ‘Orfeu negro’, que se passava nas favelas do Rio durante o carnaval. E minha

O excedente de visão de Obama que aí se verifica é a empatia. Por meio dela, ele formata a imagem do Brasil dono de uma cultura singular. Por meio dos signos “música”, “dança”, “carnaval”, Obama continua a estabelecer a relação de proximidade com o Brasil. No trecho, a cultura é uma via de acesso à população brasileira, da qual Obama se utiliza para construir a imagem de uma nação rica culturalmente. O Teatro Municipal citado na passagem, como palco da encenação da peça homônima, funciona como elemento da cena enunciativa em que é gerada essa imagem, cujo acabamento é proporcionado mais acertadamente pela expressão “este é o meu entendimento”.

Adiante em sua fala, Obama recorre à figura de sua mãe para dizer que o excedente de visão dela não deu conta de vê-lo como presidente dos EUA. Dessa forma, reforça a legitimidade de sua fala ao afirmar-se como líder da maior nação do globo. Nesse momento, demarca a distância entre EUA e Brasil, olhando para este país de uma posição superior, como se verifica no seguinte excerto:

*And my mother is gone now, but she would have never imagined that her son's first trip to Brazil would be as President of the United States. She would have never imagined that. (Applause.) And I never imagined that this country would be even more beautiful than it was in the movie. You are, as Jorge Ben-Jor sang, 'A tropical country, blessed by God, and beautiful by nature'. (Applause) (OBAMA, 2011).<sup>6</sup>*

No trecho acima, o excedente de visão de Obama em relação ao Brasil é ampliado por ele mesmo ao ver de perto este país, o que ressignifica a impressão de sua infância, quando em contato com o filme “Orfeu Negro”. A imagem de um “país mais bonito que no filme” é enaltecida com auxílio de um verso da música do

---

mãe adorava aquele filme, tinha **música e dança** e como **pano de fundo, os lindos morros verdes**. Esse filme estreou primeiramente como uma peça bem aqui, no Teatro Municipal. **Este é o meu entendimento**” (grifo nosso).

6 “E minha mãe já se foi, mas ela nunca teria **imaginado** que a primeira viagem de seu **filho** ao **Brasil** seria como presidente dos EUA. Ela nunca teria imaginado isso. (Aplausos) E eu nunca imaginei que este país seria ainda mais bonito do que era no filme. Vocês são, como Jorge Ben Jor cantou, ‘Um país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza’ (Aplausos)” (grifo nosso).



cantor brasileiro Jorge Ben Jor, por meio do qual Obama reitera que o Brasil é um país bonito por natureza, país abençoado por Deus.

A imagem do Brasil como país amigo dos EUA é a imagem que acredito ser mais fortemente desenhada. Vejamos como essa imagem se mostra na enunciação de B. Obama:

*Now, yesterday, I met with your wonderful new President, Dilma Rousseff, and talked about how we can strengthen the partnership between our governments. But today, I want to speak directly to the Brazilian people about how we can strengthen the friendship between our nations. I've come here to share some ideas because I want to speak of the values that we share, the hopes that we have in common, and the difference that we can make together* (OBAMA, 2011).<sup>7</sup>

No trecho acima, Obama, como representante do povo estadunidense se dirige ao “povo brasileiro” (povo-povo), fazendo uso da ponte lançada entre ele mesmo e seus interlocutores, os presentes à plateia (eu-outros) e todos os outros interlocutores para além do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (eu-todos os outros). Ao reportar-se aos outros de seu discurso como representante do povo estadunidense, Obama se utiliza de uma estratégia discursiva que, de acordo com Charaudeau (2006), torna o político portador de uma única voz direcionada a um enunciador ideal, no caso do pronunciamento de Obama, representado nas relações eu-outros e eu-todos os outros. Nesta representatividade, Obama se utiliza do excedente de visão que possui em virtude da sua distância em relação a toda a coletividade.

Na relação estabelecida com o Brasil, que se dá de forma exotópica, mais propriamente, em seu aspecto estético, quando Obama olha compenetradamente para este país, reconhece seu diferente, o Brasil, não como um desconhecido, mas como um semelhante,

---

7 “Recentemente, ontem, tive um encontro com sua maravilhosa nova presidente, Dilma Rousseff, e conversamos sobre como podemos fortalecer a parceria entre nossos governos. Mas hoje quero falar diretamente com o **povo brasileiro** sobre como podemos fortalecer a **amizade** entre nossas nações. Vim aqui para compartilhar algumas ideias, pois quero falar sobre os **valores** que compartilhamos, as **esperanças** que nós temos em **comum** e a **diferença** que nós podemos fazer juntos” (grifo nosso).

porque há uma identificação de valores. Podemos perceber essa identificação por meio da enunciação de um conjunto de signos – “amizade”, “parceria”, “valores”, “esperanças” – que nos fazem interpretar a enunciação de Obama para o Brasil como um encontro entre amigos, que vai sendo construído ao longo da enunciação. Uma relação de amizade, reconhecida entre os dois países, percebida no âmbito do discurso político, por meio dos signos “comum”, “diferença”, como uma parceria útil, por exemplo, para fechar negócios, ou seja, para fazer a “diferença” no cenário econômico mundial.

Segundo Menezes (2000), a identificação de valores é uma estratégia discursiva do discurso imperialista advinda de pressupostos doutrinários que estampam os valores do nacionalismo estadunidense. Ainda de acordo com o autor, tais pressupostos acabam por criar uma visão difusa e geral do mundo, pela qual há uma identificação comum de interesses, que se querem harmônicos e homogêneos, ou seja, diluidores de diferenças.

Com isso, pode-se pensar que, ao construir essa relação de amizade, Obama se vale não somente da legitimidade de seu discurso, sendo ele presidente do país mais potente do mundo, mas, também, do contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2006) que formaliza em sua enunciação. Assim, as significações e efeitos de seu discurso resultam da intenção de tornar comuns interesses, silenciando posicionamentos ideológicos divergentes.

Voltando ao último trecho analisado, ao olhar para as duas “nações”, juntas, Obama reforça a proximidade entre elas e destaca a parceria entre os dois governos. Assim, a significação do signo ideológico “nações” é construída por meio de um movimento duplo de contemplação. De um lado, a exotopia recai sobre a líder da nação brasileira, Dilma Rousseff, de outro, recai sobre o povo brasileiro. A significação percebida nesse movimento de olhar é o estabelecimento da “amizade” entre as duas nações, ilustrando o que Anderson (2008) chamou de irmandade, que se sobressai às desigualdades em torno de uma comunidade imaginada e que confere aos seus cidadãos o sentimento de nacionalidade.

A imagem do Brasil como país amigo segue sendo construída, como se constata a partir do excerto abaixo:

*The United States was the first nation to recognize Brazil's independence, and set up a diplomatic outpost in this country. The first head of state to visit the United States was the leader of Brazil, Dom Pedro II. In the Second World War, our brave men and women fought side-by-side for **freedom**. And after the war, both of our nations struggled to achieve the full blessings of **liberty** (OBAMA, 2011, grifo nosso).<sup>8</sup>*

Repare-se que, na referida passagem, o signo “liberdade” se mostra sob dois signos, “liberty” e “freedom”. Em língua portuguesa, os dois signos são traduzidos como “liberdade”. No entanto, sabe-se que, na língua inglesa, os signos assumem sentidos diferentes. Com “freedom”, Obama constrói o sentido de liberdade em oposição ao estado de guerra, de opressão e em favor do estado de independência política. Com “liberty”, o sentido de liberdade é o reconhecimento da garantia dos direitos políticos, o qual é expandido junto ao sintagma “bênçãos plenas”, que ampliam a imagem de liberdade que é impingida a si, aos EUA, e ao Brasil.

Um novo sentido para o signo ideológico “nação” é instituído nesse mesmo trecho, em que Obama exalta politicamente o Brasil. Ao olhar para o Brasil como nação independente, no atual período político internacional, Obama imprime uma força ao mercado econômico nacional brasileiro que, se partilhado com os EUA, pode-se notar, poderá, por exemplo, ajudar a diminuir o impacto chinês em ambos os mercados.

Ainda com relação a esse fragmento, é importante destacar que Obama convoca a memória histórica, ao falar da II Guerra Mundial e da visita do primeiro líder brasileiro aos EUA. Tal resgate histórico funciona como tema da enunciação e procura legitimar as relações amistosas de companheirismo entre os dois países. No entanto, esse resgate se dá em forma de ocultamento de fatos históricos. Ao dizer que as duas nações “lutaram para conseguir as bênçãos da liberdade”, o presidente menciona a aliança dos EUA

---

8 “Os EUA foram a primeira nação a reconhecer a **independência** do Brasil e a estabelecer um **posto diplomático** neste país. **O primeiro chefe de Estado** a visitar os EUA foi o **líder do Brasil Dom Pedro II**. Na Segunda Guerra Mundial nossos corajosos homens e mulheres lutaram **lado a lado** pela **liberdade**. E depois da guerra, nossas duas nações lutaram para conseguir as **bênçãos plenas da liberdade** (grifo nosso)”.

com o Brasil na guerra contra o Eixo (Alemanha, Itália, Japão), para evidenciar alianças prévias entre os dois países que “deram certo”. O caso é que tal aliança somente foi possível depois que o Brasil recebeu empréstimo do governo Roosevelt para construção de uma usina siderúrgica. Isso porque o Brasil, naquele contexto, era simpático às potências do Eixo (BANDEIRA, 2009). Com isso, percebe-se novamente o emudecimento de pontos de tensão entre as duas nações, não restrito ao passado.

Avançando na análise do pronunciamento de Obama, verifica-se a construção de outras imagens, como se entende a partir do fragmento abaixo:

*Over the last decade, the progress made by the Brazilian people has inspired the world. More than half of this nation is now considered middle class. Millions have been lifted from poverty. For the first time, hope is returning to places where fear had long prevailed. I saw this today when I visited Cidade de Deus – the City of God. (Applause) (OBAMA, 2011).<sup>9</sup>*

Nessa passagem, a imagem do Brasil como um país de potência emergente surge quando Obama avalia como o “progresso” do Brasil inspirou o mundo nos últimos dez anos contados a partir dali. Ao se referir a este país por meio do sintagma “povo brasileiro”, entendemos que o presidente dos EUA destina à população brasileira o sucesso da posição do Brasil entre as dez maiores economias do globo. O Brasil ocupava, à época da visita de Barack Obama, a sétima posição no *ranking* econômico mundial, atrás do Reino Unido, da França, Alemanha, Japão, China e EUA, respectivamente. Tendo passado momentaneamente à frente do Reino Unido no início de 2012, quando atingiu a sexta posição, voltou à sétima posição onde permanece até hoje.

Ao indicar que mais da metade da população brasileira pertence à “classe média”, Obama dá ao país o status de economia forte, ainda que emergente, com a constatação de que “milhões foram

---

9 “Durante a última década, o **progresso** feito pelo **povo brasileiro** inspirou o mundo. Mais da metade deste país é considerada **classe média**. **Milhões foram retirados da pobreza**. Pela primeira vez, a **esperança** está voltando a lugares onde o **medo** prevaleceu por muito tempo. Eu vi isso hoje, quando visitei a ‘**Cidade de Deus**’ - a Cidade de Deus. (Aplausos)” (grifo nosso).

retirados da pobreza". Os signos "esperança" e "medo" são contrapostos a partir do excedente de visão de Obama, ao se referir à Cinelândia, região em torno do centro do Rio de Janeiro. No lugar de descrever o lugar, Obama fala da percepção gerada pela visita à região. O acabamento significativo gerado por tais elementos transgredientes compõe a imagem de um país que contornou problemas e se equipara a outras nações potentes.

Dessa forma, a imagem do Brasil como potência emergente é desenhada por um excedente de visão que observa apenas a macroeconomia do Brasil, dando conta da representatividade internacional brasileira, do caminho de crescimento que o país vem percorrendo e que promete ser contínuo. No entanto, um olhar mais aprofundado da questão econômica brasileira veria que o PIB de muitos estados brasileiros não condiz com um país de grande economia, como aponta estudo da revista *The Economist*, divulgado pelo site Terra:

A revista especializada em finanças *The Economist* divulgou nesta semana uma comparação entre a economia de estados brasileiros e países. As relações curiosas apontam para um longo caminho a ser percorrido ainda, antes de o Brasil se comparar a economias desenvolvidas. Por exemplo, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do Rio Grande Sul é equivalente ao do Gabão, enquanto a soma das riquezas produzidas na Bahia é similar ao da pequena Croácia, que tem território dez vezes menor que o Estado brasileiro.<sup>10</sup>

Como visto até aqui, as imagens formadas pelo presidente dos EUA Barack Obama resultaram de seu excedente de visão em relação ao Brasil. Isso fez com que a nação estadunidense olhasse para a nação brasileira, mediante determinados enfoques, de onde brotaram sentidos movimentados pelo movimento do olhar de Obama para o seu diferente, para o outro, o Brasil. De seu lugar privilegiado, fornecido pela dimensão ampliada de sua visão, imagens de uma nação brasileira como país do futebol, país rico culturalmente e como um país bonito por natureza

---

10 'The Economist' compara economia de Estados do Brasil com países. **Terra**. Disponível em: < <http://www.terra.com.br/economia/infograficos/pib-estados/>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

foram compiladas de um ponto de vista cultural. Ao ressignificar a nação brasileira desse modo, Obama foi tecendo o fio da relação de amizade que tentou trazer o Brasil para perto dos EUA.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebeu-se, nesta análise, que o presidente dos EUA, Barack Obama, ao desenvolver o seu pronunciamento, se propôs a desconstruir um estereótipo geralmente condizente com a imagem dos EUA como potência imperialista que domina o mercado econômico global e explora o capital financeiro da América Latina, consequentemente, o do Brasil. Uma das estratégias discursivas para alcançar este fim, como observado nos trechos analisados, foi o de elevar a nação brasileira à potência global, fazendo-a destoar das demais nações latinas. Afora que Obama não se referiu, em nenhum momento de seu discurso, ao Brasil como um país latino-americano.

Com isso, compreendeu-se como a cultura estadunidense, significada na enunciação do presidente, deu acabamento à cultura brasileira. Uma cultura observada pela ótica de quem intenta elevar a nação, ao mesmo tempo, submetendo-a ao poderio costumadamente exercido pelos EUA no mercado financeiro mundial. Com a liderança ameaçada pela atuação do mercado chinês no mundo, em especial, na América Latina, Obama voltou seus olhos para os países dessa região, propondo diálogos que visam a fechamentos de acordos financeiros. Daí sua presença no Brasil, em março de 2011.

A proximidade, assim estabelecida, a nosso ver, demarca, na verdade, um distanciamento. O reconhecimento de “semelhanças” contribui para o apagamento das diferenças reais entre os dois países. Contribui ainda para que o discurso imperialista passe despercebido a olhos e ouvidos de cidadãos comuns, muitos dos quais assistiram ao pronunciamento de Obama transmitido pela televisão ou pela internet. Foi possível inferir a partir desse discurso, portanto, como o discurso obamaniano beira ao discurso do “novo colonizador” das regiões da América Latina, do Brasil, a falar para/sobre seus “novos colonizados”.

Dessa forma, por mais diluídos em seu pronunciamento, puderam ser percebidos, nesta análise, os pontos de conflito ideológico ocultados. E isso foi possível em decorrência do caminho metodológico-científico escolhido e, ainda, de nosso olhar para este objeto. Nosso excedente de visão – próprio de nosso lugar, nascidos em uma nação latino-americana – em relação ao olhar de Obama para nosso país, nos faz entender que o democrata é dono de um discurso de nação pacífica, que também embute o discurso imperialista inserido no projeto estadunidense de envolvimento sistemático e de grande influência na dinâmica política e cultural de outras nações.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Os estudos literários hoje. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BANDEIRA, L. A. M. **Formação do Império Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOURDIEU, P. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: contexto, 2006.

MENEZES, A. M. F. Sistema Interamericano: pressupostos doutrinários da hegemonia norte-americana. In: **III Simpósio Internacional: estados americanos: relações continentais e intercontinentais: 500 anos de história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

OBAMA, B. Remarks by the President to the People of Brazil in Rio de Janeiro, Brazil, 2011. **Site da Casa Branca**. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/20/remarks-president-people-brazil-rio-de-janeiro-brazil>> Acesso em: 27 mar. 2012.

PETRAS, J.; VELTMEYER, H. **A hegemonia dos Estados Unidos no novo milênio**. Tradução de Jaime A. Clasen e Ricardo A. Rosenbuch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

TEZZA, C. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, B (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2ª ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

TODOROV, T. Prefácio à edição francesa. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.